

Ambigüidade e Vertigem na Estética Nietzscheana

Guilherme Mautone, Kathrin Holzermayr Lerrer Rosenfield

Resumo

Na passagem do século dezoito para o dezenove os românticos debruçaram-se sobre a disciplina da estética e encontraram nela a feliz oportunidade de entrincheirá-la a uma filosofia da arte. O objeto artístico foi fixado no centro da discussão estética de uma maneira inaudita pela tradição, tanto q ue qualquer sistema filosófico não se furtou de analisá-lo. Nietzsche, como herdeiro do movimento, fa z ressoar a preciosidade e a relevância do estudo da obra de arte para a filosofia no instante em que assinou seu primeiro livro, "O nascimento da tragédia". Nele o jovem professor da Basíléia tece considerações sobre a arte helênica - mais especificamente a tragédia ática -, a possibilidade de ressurgimento desse modelo artístico e, de imediato, no primeiro parágrafo, postula aprioristicamente uma teoria da arte. É primordial a este trabalho demonstrar que no interior dessa teoria da arte estão contidos dois conceitos que funcionam como arcabouços teóricos, que sustentam a noção de beleza autônoma para Nietzsche: são eles a ambigüidade e a vertigem.